



# Ficção sai, Realidade fica

Por Michel Urânia



Segundo a Wikipédia, “ficção científica é um gênero literário que lida principalmente com o impacto da ciência, tanto verdadeira como imaginada, sobre a sociedade ou os indivíduos” e documentário é “uma representação parcial e subjetiva da realidade”. Em *Branco Sai, Preto Fica* (Adirley Queirós, 2014) os dois gêneros se unem para poder palpar a mais grotesca das realidades. A história começa em um baile *black* na década de 80 em Ceilândia, periferia de Brasília, que é invadido violentamente pela polícia. “Branco sai, preto fica” é uma frase dita por um policial naquela noite, os brancos saem do recinto e os negros ficam para apanhar. Entre eles, estão os dois atores principais do filme, que utilizam seus nomes reais: Sartana, atropelado por um cavalo, amputado e com uma perna mecânica, e Marquim, com um tiro que o deixou paraplégico e cadeirante. Num futuro apocalíptico, ainda em Ceilândia, os dois se unem para criar uma espécie de “bomba cultural” que explodirá a cidade de Brasília em vingança ao passado (e presente) de injustiças contra os negros.

Um terceiro personagem, interpretado por Dilmar Durães, ator parceiro dos filmes de Queirós (*Dias de Greve*, 2009 e *A Cidade É Uma Só?*, 2012), completa a trama. Com uma ideologia de direção horizontal, o diretor perguntou ao ator o que gostaria de interpretar no novo filme e ele respondeu: “Já fiz papel de operário, de político, cansei. Quero agora ser um astronauta que vem pra matar todo mundo igual ao Blade Runner”. Ele se refere ao personagem de Harrison Ford no filme *Blade Runner*, *o Caçador de Andróides* (Ridley Scott, 1982).



Em *Blade Runner*, a cidade de Los Angeles está num futuro apocalíptico como a Ceilândia de *Branco Sai, Preto Fica*. No filme estadunidense, cientistas criam uma espécie de andróides muito parecidos com os humanos, que eles supunham superiores fisicamente e inferiores emocionalmente, chamados de Replicantes. Os andróides eram utilizados em trabalhos análogos ao escravismo em colônias fora do Planeta Terra. Depois de um motim realizado pelos descontentes robôs, Harrison Ford, um caçador de Andróides, é chamado para matar os Replicantes revoltosos.

Na película ceilandense, os Replicantes dão lugar aos negros, que mesmo após mais de cem anos da abolição da escravidão no país, sofreram e continuam sofrendo com a opressão social e cultural do estado. Mas do futuro além do futuro, chega o Astronauta Dimas Cravalanças, também negro, com a missão de impedir a bomba e o ímpeto vingativo de Sartana e Marquim, já que neste futuro de onde veio, o Estado brasileiro seria punido dentro da lei pelas desigualdades impostas aos negros. Alguns críticos sugerem que a personagem do astronauta não tem função dentro da trama, mas é essencial, já que cabe a ele a reflexão e a decisão do direito ou não dos amputados de se vingar.



A revolta dos oprimidos mostra o interesse pela liberdade. “Liberdade - essa palavra, que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda” (Cecília Meireles, *Romanceiro da Inconfidência*, 1953) é a fonte de empatia que coloca em dúvida a missão dos dois astronautas. Em *Blade Runner*, os Replicantes se ajudam mútua e emocionalmente para salvar suas vidas enquanto os humanos matam uns aos outros. O próprio personagem de Harrison Ford tem dúvidas de sua origem, entre ser Replicante ou um humano (o filme não deixa claro). Já Dimas Cravalanças, o astronauta de *Branco Sai, Preto Fica*, apesar de também negro, é membro do Estado brasileiro no futuro de onde veio, o mesmo Estado brasileiro que amputou Sartana e Marquim, mas em contato com eles, reflete sobre o direito à vingança e ao protagonismo na ação contra o opressor. Este sentimento é resignificado na singela música de Roberto Carlos cantrolada pelo Astronauta em dado momento do filme: “De hoje em diante/ Vou modificar o meu modo de vida / (...) Cansei de esperar / De esperar enfim / E pra começar eu só vou gostar de quem gosta de mim”.

No meio de *Branco Sai, Preto Fica*, os protagonistas registram o áudio de uma banda local que fará parte da “Bomba Cultural”. Insatisfeito, Marquim pede às *backing vocals* que, sentadas durante a gravação, se levantem para cantar como num show. Essa vontade de preencher o vazio é o diferencial, pois é o modo de tratar as contradições do fazer filmico dentro do próprio filme. Os cenários de *Branco Sai, Preto Fica* são compostos a partir da movimentação das personagens e apenas com luzes diegéticas. Os planos longos, a montagem que por vezes parece amputada, o descompromisso com a continuidade e o uso de atores naturais e moradores de Ceilândia demonstra o interesse em fazer o cinema acima da lógica de mercado. O final de *Blade Runner* foi modificado por produtores, a contragosto do diretor, para atingir o grande público (a versão “Director’s Cut” saiu apenas dez anos depois).

Outra dualidade em *Branco Sai, Preto Fica* é a afirmação territorial, pois mesmo com a participação de alguns músicos locais, a base da trilha sonora é de canções estrangeiras, as mesmas do baile *black* que gerou a trama. Isso reforça o ideal de não fugir do passado mas não lembrá-lo com puro saudosismo, além de abrir portas para o futuro,

como fica evidente na canção que encerra o filme.



Como disse o diretor Adirley Queirós, o ideal não é acabar ou fugir das contradições, mas lidar com elas mesmo sem atingir respostas claras, e deu como exemplo o CEICINE, o Coletivo de Cinema em Ceilândia, que produziu o filme: tratar de questões de segregação racial e dentre os cinco integrantes do grupo o único branco ser o diretor - branco como Harrison Ford, Ridley Scott, o escritor desta crítica, como o professor e todos os alunos do grupo de estudos de crítica de cinema que deu origem a este texto, a maior parte dos cineastas do Brasil e provavelmente como os policiais que amputaram Marquim e Sartana.

Os avanços tecnológicos do último século promoveram grandes melhorias na vida da humanidade, mas além de não fazerem carros voadores ou uma enciclopédia livre e confiável, não conseguiram acabar com a pobreza, preconceitos e a tirania. Mas a ficção científica nas mãos do oprimido pode ser um instrumento de luta. A diferença principal entre *Blade Runner* e *Branco Sai, Preto Fica* está exatamente no uso da ficção científica. No hollywoodiano, ela metaforiza o real e no candango aprofunda a representação subjetiva da realidade.

Por Michel Urânia